

## Ao amanhecer

---

Os olhitos abriram-se um pouquinho. Depois piscaram suavemente, ainda ensonados<sup>1</sup>. Finalmente abriram-se completamente para o escuro do quarto.

Ainda sem perceber bem, a menina continuou deitada de barriga para cima. Olhou para um lado, para outro, para a frente e para cima outra vez. Continuava sem ver nada, mas à medida que se foi habituando ao escuro começou a conseguir ver aquela luz muito fraquinha que entrava pelas frinchas<sup>2</sup> das portadas da janela. Entretanto, já podia distinguir a forma da cómoda aos pés da cama, ao lado da secretária onde escrevia as suas letras.

*Que estranho, pensou, porque será que já estou acordada? A minha mãe ainda não veio chamar-me... Ainda não deve ser hora de me levantar.* E nisto lembrou-se que era sábado e não havia escola. Hoje apenas tinha que fazer os trabalhos que trouxera para casa. Encolheu os ombros ao mesmo tempo que deu uma risadinha. *É só para preencher uma folha com a letra i que é tão fácil!* E como não tinha sono resolveu levantar-se.

Como já conseguia ver alguma coisa nem ligou a luz, antes que acordasse alguém lá em casa. Calçou as pantufas que esperavam ao lado da cama, saiu do quarto e desceu as escadas. Foi até à cozinha onde já havia mais alguma luz e mal entrou sentiu aquele cheiro do borralho<sup>3</sup>, da lenha queimada na lareira da noite anterior. O ar ainda estava quentinho.

---

<sup>1</sup> Com sono

<sup>2</sup> Sítios por onde passa a luz da janela quando estão as persianas ou portadas fechadas

<sup>3</sup> As brasas já tapadas com a cinza

Era o que tinha de bom morar numa casa do campo, onde se podia acender uma boa fogueira na lareira de pedra e ficar ali aconchegada enquanto a mãe e o pai preparavam o jantar. É que o Outono já estava aí em força e o Inverno não tardava a chegar.

A menina puxou então uma cadeira para a janela junto à lareira, subiu e sentou-se sobre os joelhos. Pousou os bracitos no parapeito<sup>4</sup> e olhou lá para fora. Dodó, o cão, ainda estava a dormir na sua casota. Hoje tinha sido a primeira a levantar-se. Correu o quintal com o olhar e deteve-se<sup>5</sup> lá mais ao fundo. Bem, afinal parece que também o gato Fitas estava acordado. Sentado em cima do muro parecia olhar lá bem para longe como se prestasse atenção a alguma coisa. Também ela olhou lá para longe. Conseguia ver o vale entre as duas montanhas, embora o verde não parecesse tão vivo como de costume, mas isso era porque ainda havia muito pouca luz. E aí, a menina sorriu ao descobrir que tinha o mesmo nome daquela claridade<sup>6</sup> que surgia antes do nascer do dia, antes do sol aparecer. Tal como ela, chamava-se Aurora.

De nariz colado ao vidro da janela, Aurora continuou a observar<sup>7</sup> o vale ao longe, com as nuvens um pouco escuras lá bem acima e aquela névoa abaixo delas que parecia ser uma chuva miudinha.

Entretanto uma luz mais forte começou a surgir entre as duas montanhas. Estava a amanhecer. Um pouco depois a pontinha do sol apareceu e iluminou a cara de Aurora. Os seus olhitos fecharam-se ligeiramente retendo<sup>8</sup> aquele momento mágico. Mas o melhor estava para

---

<sup>4</sup> Parte de baixo da janela, em madeira, onde pousamos os braços quando estamos à janela

<sup>5</sup> Parou (parou com os olhos, neste caso)

<sup>6</sup> Luz (luz fraquinha, neste caso)

<sup>7</sup> Ver

<sup>8</sup> Guardando

chegar. Com o nascer do sol e com aquela chuvinha que caía lá longe, formou-se um lindo arco-íris que parecia nascer numa montanha e terminar na outra do outro lado. Do vermelho ao violeta, todas as cores apareciam lindas e brilhantes como nunca a menina tinha visto. Maravilhada com aquela estrada colorida desenhada no céu, Aurora piscou os olhos com força quando lhe pareceu ver uma coisa estranha no arco-íris. Espalmou as mãos<sup>9</sup> na janela e colou ainda mais a cara ao vidro. Os olhos arregalados<sup>10</sup> não acreditavam no que via. “Mas é... é... é um unicórnio!” gaguejou Aurora baixinho sem saber o que pensar. Em cima do arco das cores corria um belíssimo cavalo branco iluminado pelo sol com o seu lindo chifre em espiral<sup>11</sup>, o qual brilhava mais que qualquer outra cor naquele céu da manhã. De repente só lhe apetecia estar também naquele arco-íris a correr livremente na companhia do seu lindo unicórnio.

“A minha filha já está a pé?” ouviu-se a voz da mãe da menina. Aurora estremeceu e despertou da maravilha que observava<sup>12</sup> ao longe. Descolou as mãos e a cara da janela e virou-se para a mãe dando-lhe um lindo sorriso.

“Parece que estás a gostar do que vês pela janela...” continuou a mãe espreitando por sua vez lá para fora. “Ah! Um arco-íris! E é lindíssimo! Assim percebo porque estavas tão atenta.”

Aurora olhou novamente para o céu e pôde admirar outra vez o arco-íris que ainda continuava bem colorido. Porém, o unicórnio tinha desaparecido... Entretanto a sua mãe comentou:

---

<sup>9</sup> Colocou as palmas das mãos

<sup>10</sup> Muito abertos

<sup>11</sup> (ver a imagem no final)

<sup>12</sup> Via

“Sabes que há uma lenda que conta que quando surge um arco-íris há sempre um unicórnio que galopa por baixo dele. Parece que os unicórnios gostam de juntar a sua bondade e pureza com a alegria das cores dum arco-íris. Mas é só uma fantasia!”

*É só uma fantasia?* pensou Aurora continuando com o olhar pousado naquele conjunto de cores, enquanto o sol brilhava cada vez mais.

Era a primeira vez que tinha sonhado acordada!

